

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: JT Class.: Lideranças 55

Data: 12/08/92 Pg.: 4

O inventário de Tutu Pombo

Primeiro foi o estupro de uma jovem de 18 anos pelo cacique caiapó Paulinho Paiakã, que aguarda julgamento em prisão domiciliar em sua aldeia. Agora é a morte de outro cacique caiapó, Tutu Pombo, que, ao chamar a atenção para a sua riqueza medida em milhões de dólares e para a disputa pela sua herança, dá o golpe de misericórdia na lenda do "bom selvagem", que muitos insistem em difundir aqui e sobretudo lá fora, alguns por ingenuidade e outros por pura malícia.

A trajetória seguida por Tutu Pombo ilustra muito bem os equívocos que marcam a política indigenista há muito tempo em vigor entre nós. Em vez de procurar proteger as populações indígenas, preservando seus costumes e sua cultura, o que se tem feito é garantir a um certo número de índios perfeitamente aculturados privilégios injustificáveis. Há muito tempo que Tutu Pombo, por exemplo, agia segundo as regras da sociedade dos brancos, que ele assimilou muito bem, e não segundo o que prescreve a sua cultura de origem. Foi branco, quando teve de fazer negócios que o enriqueceram, e foi índio, quando se tratava de se subtrair a obrigações e constrangimentos que os brancos devem respeitar. Diga-se, a seu favor, que a culpa cabe aos brancos, pois foram eles que estabeleceram as regras.

Uma correta política indigenista, cuja necessidade ninguém contesta, exige que se acabe com os erros flagrantes e a hipocrisia que hoje caracterizam a ação do Estado nesse setor. Não foi pela generosidade de entidades ecológicas e outras que tais, sobretudo as estrangeiras, sempre prontas a opinar doutoralmente sobre assuntos de que não entendem, que Tutu Pombo acumulou uma fortuna enorme, formada por receita anual estimada entre US\$ 4 e 6 milhões. Para isso, ele abriu as extensas reservas atribuídas aos caiapós pelo Estado, com o silêncio cúmplice e escandaloso dos ecoideologistas, aos

madeireiros e aos garimpeiros. É o que continuam a fazer Paulinho Paiakã e outros caciques muito mais brancos que caiapós.

Calcula-se que atualmente os caiapós recebam dos garimpeiros autorizados a explorar ouro em suas reservas cerca de US\$ 10 milhões por ano. Dos madeireiros recebem anualmente outros US\$ 6 milhões. Tutu Pombo, que tinha o sentido dos negócios, percebeu logo o potencial de riqueza de suas reservas. E, num lance típico da sociedade dos brancos, aproveitou a ausência do cacique Raoni, dois anos atrás, quando ele foi levado pelo esperto roqueiro Sting à Europa e aos Estados Unidos, numa triunfal *tournee* ecológica, para dar um "golpe de Estado" e assumir o poder. Raoni, mais ingênuo e não aculturado, perdeu a parada para a dupla Tutu Pombo/Sting.

Salta aos olhos que chamar a isso de política indigenista não é algo sério. Até porque, se Tutu Pombo era rico, os caiapós continuam muito pobres. Quando se recorda que os cerca de 250 mil índios brasileiros serão donos de 10% do País (89,5 milhões de hectares), quando terminar a demarcação de todas as reservas indígenas (área equivalente à soma dos territórios de Espanha, Portugal e Itália), pode-se ter uma idéia do número de caciques milionários — e índios miseráveis — e da devastação ecológica que a atual política indigenista produzirá em pouco tempo. Se os dez mil ianomami — donos privilegiados de 9,4 milhões de hectares ricos em minérios na Amazônia — elegerem um cacique aculturado, tipo Tutu Pombo, produzirão em breve um "novo rico" muito mais rico que o caiapó.

Este é o resultado de uma política feita muito mais para "inglês ver" do que para proteger, como se deve, as populações indígenas. E o responsável por ela é o Estado, não o rico Tutu Pombo que acaba de falecer, pois ele apenas usou as manhas e astúcias que, como índio aculturado, aprendeu com os brancos.